



## **FOME DE LETRAS<sup>1</sup>**

Paula Venâncio<sup>2</sup>

Dra. Mônica Pegurer Caprino<sup>3</sup>

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP

### **RESUMO**

A partir do conceito de invisibilidade social, o trabalho traça um perfil da história de vida e relações profissionais de merendeiras da região do ABC Paulista. Exercer a profissão torna-se algo cada vez mais complexo, já que a alimentação escolar, assegurada como direito a todos os alunos do ensino fundamental (previsto pela Constituição Federal – 1988), se transformou em um mecanismo compensatório de política pública para diminuir a carência alimentar de estudantes de classes populares. Resta à merendeira, personagem praticamente invisível, quando se remete ao ambiente escolar, a sobrecarga de funções e ainda uma necessidade de dupla ou tripla jornada de trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** escola; invisibilidade social; merendeira.

### **1. INTRODUÇÃO**

Em 2008, foi criado o Olhar Social – jornal laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – SP, sob coordenação da Profa. Dra. Mônica Pegurer Caprino e planejamento gráfico do Prof. Ms. Maurício Antonio Gasparoto. Como linha editorial, o jornal busca a discussão de questões ligadas à cidadania e ao terceiro setor na região do ABC Paulista. Por se tratar de um jornal laboratório, cujo espaço está aberto para prática e experimentação dos alunos, também faz parte de sua proposta editorial a variedade e flexibilidade de diagramação, linguagem e conteúdo já que “o vício resultante da prisão à periodicidade, ao ritmo curto, sôfrego, da produção jornalística, é o grande entrave.” (LIMA, 2009, p.95)

Para embasar a criação dos alunos, foi explorado o conceito de “invisibilidade social” indicado pelo psicólogo Fernando Braga da Costa, em seu livro, “Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social” e a produção da jornalista Eliane Brum em

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade: Produção em jornalismo interpretativo – Perfil (avulso).

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: paula.venancio@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: mcaprino@uol.com.br



sua coluna no jornal gaúcho Zero Hora, no final dos anos 90, intitulada “A vida que ninguém vê”. A análise e discussão das produções evidenciaram os entraves do jornalismo contemporâneo e a carência de humanização textual na produção jornalística, como também indica LIMA:

Das seis funções de linguagem – referencial, expressiva, conotativa, fática, poética e metalinguística – estabelecidas por Roman Jakobson, o jornalismo cotidiano prende a maior parte da sua produção à primeira, pouco explorando as possibilidades das demais a fim de enriquecer o texto, atrair o leitor, colocá-lo simbolicamente no palco dos acontecimentos e das questões. (2009, p.155)

Além da linguagem, a própria dinâmica de entrevista – muitas vezes realizada as pressas ao telefone ou via email – suprime a possibilidade de exercitar o olhar sensível, a observação de detalhes do cotidiano, de se relacionar com o outro e o espaço da ação – o que se pode encontrar em abundância nas produções de João do Rio e no jornalismo interpretativo que despontou em terras brasileiras na década de 60. A falta de tempo e atenção limita a transposição para o papel daquilo que se vê. Volta-se à discussão de gênero e as fronteiras entre ficção e realidade. A notícia não é só fato. “Todo acontecimento é carregado de significados sutis, subjetivos. O mundo não é apenas concreto e factual. É também simbólico.” (LIMA, 2009, 378)

Com a análise de tais produções, iniciou-se a pesquisa de quais seriam os personagens invisíveis nas diversas esferas sociais. Sendo assim, “Fome de Letras”, a matéria doravante apresentada, expõe o perfil de merendeiras do ABC Paulista, personagens cuja participação permanece escondida por detrás dos fogões e pilhas de pratos nas escolas da região.

## **2. OBJETIVO EXPLORADO NA MATÉRIA**

- Apurar por meio de entrevistas como é o dia-a-dia das merendeiras das escolas do Grande ABC:
  - Quais as diferenças entre o trabalho em instituições públicas e privadas?
  - Quais suas atribuições, seu salário e sua formação?
  - Como são vistas pelos alunos e pais?



- Como avaliam a alimentação na escola?
- Direcionar a matéria para as histórias de vida.
- Buscar relações de divergência: trabalhar numa escola e ter muitas vezes, no máximo, o ensino fundamental completo.
- Debater o dilema: o que eu sirvo na merenda e o que eu ponho na mesa de casa?

### 3. JUSTIFICATIVA

Como bem afirmou Paulo Freire “o mundo não é, está sendo”, portanto faz-se necessário ter tempo para re-significar as coisas, as pessoas, os objetos e o meio em que vivemos. Mas como alcançar este tempo? Na correria das grandes cidades, pessoas passam despercebidas, se tornam invisíveis aos olhares anestesiados.

Para que se encontre o tempo de re-significar é preciso aprender a ver e ouvir. É preciso valorizar a memória e a história de vida. Estamos acostumados com o retrato da história oficial e assim desacreditamos a possibilidade de novas leituras, novos olhares.

É preciso destacar que as lembranças pessoais se constituem em imaginários sociais. Como nos afirma Maurice Halbwachs “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que só nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (2006, p.30). Ainda devemos pensar que a memória não é o passado, mas a lembrança desse passado realizada e determinada pelas condições presentes no momento. Conseqüentemente é o retrato extra-oficial de uma sociedade. Assim sendo, pensar na figura da merendeira pode, para muitos, despertar o saudosismo e a lembrança daquela senhora que servia o lanche na hora do tão esperado recreio. Há identificação. Mas há mais do que isso.

Aproveitando a classificação apontada por Edvaldo Pereira Lima, em seu livro “Páginas Ampliadas”, podemos indicar que um livro-perfil ou uma matéria-perfil:

(...) procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse (...) a pessoa geralmente representa, por suas características e



circunstâncias da vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. (2009, p.51)

Evidenciar a história, o perfil das merendeiras, nos permite refletir sobre problemáticas do sistema educacional brasileiro e confirmar as deficiências e discrepâncias sociais que acompanham nossa miopia diária.

#### **4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Para realizar as entrevistas foram utilizados métodos de memória oral e história de vida, a partir dos quais se valoriza a vivência pessoal e não uma verdade histórica absoluta. Com um roteiro pré-estabelecido, com um encadeamento em ordem cronológica, vão sendo realizadas as perguntas sobre a história de vida e, de acordo com as resposta, a entrevista se encaminha para pontos específicos do tema a ser abordado.

#### **5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Foram realizadas pesquisas sobre a merenda escolar, tanto nos municípios da região do ABC, como as exigências descritas em lei. Sabe-se que o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), do governo Federal, financia parte das refeições servidas nas escolas públicas do País e o restante é complementado com recursos municipais e estaduais, com o objetivo de suprir no mínimo 15% das necessidades nutricionais diárias dos alunos do sistema público.

O salário de uma merendeira no ABC pode variar entre R\$ 495,00 por 40h/semanais e R\$ R\$ 900,00 por 36h/semanais. Não é necessário ter o ensino fundamental completo. Para o cargo é exigido noções de culinária e higiene pessoal, dos alimentos e do ambiente, além de habilidade no trato com crianças. Fazem parte de suas atribuições: receber e conferir os alimentos, preparar a merenda de acordo com o cardápio montado por nutricionistas, distribuir as refeições, organizar os estoques e manter a higiene da cozinha.

A distribuição da merenda em São Bernardo do Campo corresponde a 250 mil refeições/dia para atender 150 mil alunos das 153 unidades escolares municipais, além de



70 escolas estaduais e do SESI. Em São Caetano do Sul são 53.300 refeições/dia atendendo 25.033 estudantes de escolas das redes estadual, municipal e entidades filantrópicas. No município de Mauá são atendidos mais de 23 mil alunos da rede municipal de ensino e creches conveniadas. Em Diadema são atendidos 28 mil alunos que estudam nas escolas municipais com um investimento de cerca de R\$ 6,5 milhões por ano em alimentação escolar.

Em posse desse material, foram feitos os contatos com as secretarias de educação dos municípios, mas não se obteve resposta positiva. Como alternativa, foram disparados emails para conhecidos a fim de descobrir mulheres que trabalhassem como merendeiras e que gostariam de falar sobre sua rotina de trabalho e história de vida.

Não foi possível realizar a entrevista no local de trabalho das participantes. Houve um impasse dos órgãos municipais em relação à liberação de entrevista na escola e com as funcionárias, mesmo após envio de documentação da Universidade e reuniões para explicar o intuito da matéria. Sendo assim, as entrevistas foram agendadas em espaços públicos abertos (como parques e praças).

Após a transcrição das entrevistas começou o processo de escrita da matéria. O objetivo do texto foi de intercalar a rotina das entrevistadas a fim de valorizar o perfil da merendeira em uma linguagem mais livre, mais literária, como se pode conferir a seguir:

### **Fome de letras**

Aqui não se pretende matar a fome. Aqui se alimenta a alma. O colo não se recosta nos livros; ele esquenta atrás do fogão. Ela trabalha como Merendeira. Maria, Regineide, Aurora, Jasmira, Cláudia, Luzia, Cleide... Todas, como ela, participam do milagre da multiplicação diária. Preparam a alimentação escolar garantida pela Constituição Federal como direito de todo aluno até o ensino fundamental. E que, de acordo com o boletim do Prêmio Gestor Eficiente da Merenda Escolar 2007, custava, na região Sudeste, R\$ 0,45 por aluno/dia.



Todas reconhecem que a merenda mudou. Não é mais um lanche. É refeição. Não sabem o que acontece nas outras, mas no prato das escolas em que trabalham tem fruta, salada, arroz, feijão e bife. Recebem o cardápio e cozinham toneladas por mês.

Para se fazer tanto, Regineide salta da cama às quatro e meia da manhã, limpa sua casa, deixa a comida pronta para o marido e só então vai para o ponto de ônibus. Antes de ir, Cláudia leva um dos filhos para a escola. Cleide, assim que chega, coloca a água para esquentar e se põe a cortar os 490 pães que garantem o desjejum da molecada. Luzia prende seus longos cabelos e os guarda na toca. Mesma toca que guarda o sonho da casa própria que lhe arranca lágrimas dos olhos e longos suspiros e cuja possibilidade se esvai com seu salário mínimo, em todos os sentidos. Luzia é do tempo em que redação era composição. Nesse tempo, havia mais poesia no mundo de Luzia.

Maria lava as mamadeiras no lactário enquanto se espanta, em pensamentos, com a brutalidade dos homens. Ela, que cursa o supletivo, delicadamente dedilha embaixo d'água as mamadeiras, mergulhando o olhar no horizonte na tentativa de encontrar razão para Segunda Guerra Mundial. Espanta-se com o passado coletivo. Ela, que ainda não domina todas as histórias, pensava em ser professora.

Mas Aurora sabe que ser professora não é tarefa fácil. "Hoje, estuda quem quer. Mas, só pra dizer que acabou com o analfabetismo no Brasil, ninguém repete. E não sabe coisa nenhuma quando se chega num teste numa empresa. Mas você passou, não é analfabeto. Diploma de nada." Letra morta em papel. Palavras que descem a seco. Palavras que reforçam a impossibilidade de ajudar o filho que trancou a matrícula na faculdade.

Também foi a seco que Cleide esperou a partida do ex-marido do alojamento que dividiram e onde criaram os filhos. Mas dessa vez foi ela quem quis. E depois de cortar um dobrado, de rebolar um bocado, Cleide trocou os oito anos em alojamento de maderite por oito cômodos construídos onde mora com o casal de filhos. Ela sabe que os filhos irão embora um dia, por vontade própria, mas ela não teme a solidão. Tem a cama forrada de ursos e bonecas.

Ao contrário, Jasmira, espera um príncipe, mas sabe que ele não virá no cavalo branco. Ela, que também criou sozinha os dois filhos, sabe que ser pai e mãe reforça as



rugos no canto dos olhos, mas não arranca o brilho. E, quando pensa que fará o curso para ser confeitadeira, é nesse momento que olhos riscam o ar e, de canto, nos mostram o tamanho do desejo.

Desejo de todas elas: um salário melhor. E quem não o quer? Mas Cláudia batalha para não participar da sua própria afirmativa. "O brasileiro é acomodado e se acostumou a pôr a culpa no Governo". Por isso, depois do trabalho, o de casa e o da escola, ela sai para suas vendas diárias. Vende produtos de beleza. Aqueles todos das propagandas. É daí que sai o complemento da renda. É daí que sai o luxo do final de semana da carne mais cara dourando na churrasqueira. É com o salário do marido, o dela e de suas vendas de porta em porta, que conseguirá cursar sua faculdade de serviço social.

Aqui, jornada tripla é praticamente unanimidade: trabalha-se em casa, na escola e faz-se bicos nas horas vagas. Regineide é manicure, Luzia também vende cosméticos e lingerie. Cleide, aos sábados, é voluntária numa instituição. Cumpre a promessa de doar seu tempo já que conseguiu trabalho com carteira assinada. Maria também acorda cedo aos sábados, faz aulas de teatro. Jasmira, nas noites de sábado, vai gastar o salto dos sapatos nos salões dos bailes. Dança forró e samba até as quatro da manhã e volta de ônibus para casa. Para Luzia, domingo é dia de visitas e de dormir na cama de sua mãe. Merecido sono tranqüilo no fim de tarde.

Aqui, não há fome no prato. O queijo, às vezes, aparece na mesa. Mas ainda faltam as letras. Existe fome na escola, mesmo para elas que preparam o prato. Para elas, escola não é lugar de passagem. É morada diária. E por detrás do fogão, mesmo sem tanta erudição, é possível ver que alguns livros só permanecem no colo dos alunos em dias de provas. Formam um amontoado de letras que não contam histórias.

## **6. CONSIDERAÇÕES**

Com a pesquisa e possibilidade de execução de tal proposta foi possível confirmar que é preciso ter acesso à escola e, estando lá, buscar a cozinha. Quem serve o prato com a sopa de letras, muitas vezes não sabe formar o alfabeto. É preciso olhar pela educação. É preciso valorizar a história escondida, o personagem invisível. A falsa miopia social faz



com que a sociedade ignore seus problemas e suas discrepâncias. Para o jornalista que se propuser a ouvir, há a possibilidade de registro e valorização dessas histórias. É preciso eliminar o estigma que nos impõe que aquele que não é famoso só pode figurar nas páginas policiais. É preciso que as pessoas se vejam em todas as páginas dos jornais a fim de resgatar suas histórias, auto-estima e sua consciência com ser histórico e social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 45 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GUIMA, Daniela. **Perfil: Fernando Braga da Costa**. Brasília. Disponível em: <[http://www.responsabilidadesocial.com/article/article\\_view.php?id=233](http://www.responsabilidadesocial.com/article/article_view.php?id=233)> Acesso em 15 out. 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Trad. De Bernardo Leitão. Campinas: Ed Unicamp, 2003.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4 ed. Barueri, SP: Manole, 2009.
- MENEZES, Fátima. **Prêmio Gestor Eficiente da Merenda Escolar: Boletim de Desempenho 2007**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.premiomerenda.org.br/site/index.php?page=boletim2007>>. Acesso em: 15 out. 2008.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 15 ed., Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- PEREIRA, Jesus Vasquez & WORCMAN, Karen (Org.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC SP, Museu da Pessoa, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3 ed. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.